



17º CONGRESSO BRASILEIRO DE  
ADOLESCÊNCIA

17 a 20 de setembro de 2024 - Porto Alegre - RS

17 a 20  
de setembro

Barra Shopping Sul  
Av. Diário de Notícias, 300 - Cristal, Porto Alegre - RS



## Trabalhos Científicos

**Título:** Estudo Ecológico Da Sífilis Adquirida Em Adolescentes (158209,19 Anos) No Brasil: Análise Epidemiológica, 2019–2024

**Autores:** EDUARDA OLIVEIRA TYSKA (UNISINOS), LAURA CELLA MACHADO (UNISINOS), LÍVIA PRESTES (UNISINOS), EMILY DOS SANTOS SIQUEIRA (UNISINOS), RAFAELLA BARBOSA ARENA (UNISINOS), LUCIANA GAUDENZI HEUSER (UNISINOS), LUIZA BORK (UNISINOS), ALINE APARECIDA DA SILVA PIEROTTO (UNISINOS)

**Resumo:** A sífilis adquirida é uma infecção sexualmente transmissível de fácil diagnóstico e tratamento, mas segue em expansão no Brasil, especialmente entre jovens, sendo um desafio para a saúde pública. A pesquisa busca identificar vulnerabilidades de adolescentes, como desigualdades de gênero, falhas na educação sexual, barreiras no acesso à prevenção e à testagem, e fragilidades na vigilância e cuidado em saúde. Ao mapear essas tendências, espera-se subsidiar políticas públicas mais eficazes e estratégias de prevenção e ao enfrentamento da sífilis nessa faixa etária. Analisar o panorama epidemiológico da sífilis adquirida em adolescentes de 10 a 19 anos no Brasil, no período de 2019 a 2024. Estudo ecológico baseado em dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN/DATASUS), incluindo casos de sífilis adquirida registrados no Brasil entre 2019 e 2024, em adolescentes de 10 a 19 anos. As variáveis analisadas foram: sexo, faixa etária, região, evolução, ano de diagnóstico e de notificação. Foram notificados 89.648 casos no período, com predomínio entre meninas — possivelmente pela maior busca por serviços de saúde, sem indicar menor acometimento entre os meninos. As regiões Sudeste e Sul concentram cerca de 70% das notificações, enquanto Norte e Centro-Oeste registraram menos casos, possivelmente devido à subnotificação em áreas com menor acesso aos serviços de saúde. Cerca de 94,9% dos casos ocorreram entre adolescentes de 15 a 19 anos, sugerindo início da vida sexual sem orientação adequada, os 5% registrados entre 10 e 14 anos acendem alerta para possíveis casos de violência sexual, falhas na educação sexual e baixa cobertura de ações preventivas. O pico ocorreu em 2023, com mais de 21 mil notificações, indicando tendência de alta entre 2021 e 2023. Em 2020, foram 12.648 registros, número possivelmente reduzido pela subnotificação na pandemia. Apesar de mais de 50% dos casos terem sido curados sem complicações, 47,2% tiveram evolução ignorada, evidenciando falhas no acompanhamento e na vigilância epidemiológica. A análise do panorama epidemiológico evidencia crescimento progressivo dos casos, com concentração nas regiões Sudeste e Sul. A predominância entre jovens de 15 a 19 anos reforça a urgência de ações específicas voltadas à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes, enquanto casos em crianças de 10 a 14 anos indicam situações de vulnerabilidade social, como violência sexual e negligência em educação sexual. A alta proporção de casos com evolução ignorada aponta falhas na vigilância e no acompanhamento, comprometendo a efetividade das políticas públicas. O estudo ressalta a necessidade de ampliar o acesso à testagem e ao tratamento, qualificar ações preventivas e capacitar profissionais para as especificidades da adolescência. Ao subsidiar essas ações com dados concretos, espera-se fortalecer o enfrentamento da sífilis nesse grupo etário, promovendo uma abordagem mais equitativa, preventiva e resolutiva no âmbito da saúde pública.